Sesc 80 ANOS

#CANCELA ECOS DO CÁRCERE



“CADEIA GUARDA O QUE O SISTEMA NÃO QUIS...” [1]

Ao longo da história, o sistema penal baseado no encarceramento tornou-se naturalizado de tal forma que a privação de liberdade deixou de ser questionada. No Brasil, os contextos de desigualdades e preconceitos favoreceram prisões com justificativas questionáveis que, infelizmente, ainda permeiam o imaginário social.

Como exemplo, somente em 2021 foi oficializada a transferência de 523 peças religiosas, apreendidas de terreiros de umbanda e candomblé entre 1889 e 1945, do Museu da Polícia do Rio de Janeiro para o Museu da República. Embora a Constituição de 1891 já estabelecesse o Estado laico e a liberdade de crença e culto, o Código Penal de 1890 definia como crimes “o espiritismo, a magia”, dentre outras práticas.

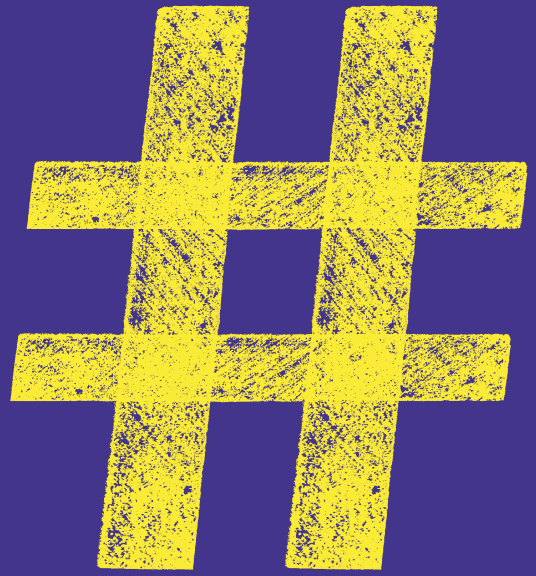
De forma semelhante, por meio da *Lei da Vadiagem* (1890 e 1941), a detenção de indivíduos “ociosos” também serviu à perseguição de pessoas negras. O comportamento foi associado aos agrupamentos afrobrasileiros e suas manifestações culturais, como o samba e a capoeira. Ao longo do tempo, outras expressões como o funk e hip-hop também se tornaram alvos de estigmatização.

Esses acontecimentos ilustram mecanismos de perseguição cultural que contribuem para o aprisionamento da população preta, pobre e periférica brasileira. Como o terceiro país que mais encarcera no mundo, o racismo estrutural ajuda a explicar tal fenômeno, apesar das evidências sobre a inefetividade do sistema prisional na redução da criminalidade, inclusive no contexto da “guerra às drogas”.

O projeto **#CANCELA: Ecos do Cárcere** propõe discutir os contextos sociais ligados ao encarceramento no Brasil. Em sua terceira edição, parte da abordagem das relações entre prisão e perseguição cultural, que naturaliza a criminalização dos modos de vida de povos marginalizados. Por meio de ações artísticas e socioeducativas, o Sesc promove a valorização da diversidade e do debate no apoio à emancipação e garantia de direitos dos grupos mais vulnerabilizados, na perspectiva do enfrentamento às desigualdades e da defesa da dignidade humana.

Sesc São Paulo

[1] Trecho da canção Diário de um Detento, de Racionais MC’s, composta por Mano Brown e Jocenir, do álbum Sobrevivendo no Inferno (1997).



CANCELA Ecos do Cárcere é um convite para olharmos de frente uma realidade que muitas vezes preferimos não ver. Partindo do fato de que o Brasil está entre os países que mais encarceram no mundo, o projeto busca provocar reflexões sobre quem são as pessoas atingidas por esse sistema — majoritariamente jovens, negras e pobres —, e sobre as estruturas que sustentam essa lógica de punição.

Desde 2024, o #CANCELA vem construindo esse debate por meio de diferentes recortes. Naquele ano, o projeto trouxe à tona a invisibilidade das mulheres encarceradas, evidenciando como a questão de gênero agrava as violências sofridas no cárcere. Na edição de 2025, aprofundou a discussão, ao abordar o racismo estrutural no sistema prisional e mostrar que o encarceramento em massa é também uma forma de controle racial. Em 2026, o #CANCELA chega para mergulhar no tema da intolerância cultural, visando revelar como não só os corpos da periferia, mas também as culturas periféricas, são historicamente criminalizados.

Do funk ao rap, das práticas comunitárias às expressões populares, aquilo que nasce nas periferias muitas vezes é tratado como ameaça — e, por isso, silenciado ou perseguido. Como aponta a filósofa, escritora e ativista Sueli Carneiro, “o racismo não é um desvio, mas um projeto”, e o sistema penal é uma de suas engrenagens. O #CANCELA propõe interromper esse ciclo por meio da criação de espaços de escuta, troca e reflexão.

Com uma programação que atravessa literatura, música, dança, esporte, artes têxteis, teatro e ações formativas, o projeto transforma a experiência cultural em um campo de encontro e pensamento. Mais do que apresentar atividades, o #CANCELA faz um chamado coletivo para repensarmos o que entendemos por justiça, ampliarmos perspectivas e imaginarmos outros futuros possíveis.

“A PRISÃO É CONSIDERADA ALGO TÃO “NATURAL” QUE É EXTREMAMENTE DIFÍCIL IMAGINAR A VIDA SEM ELA. [...] . O DESAFIO MAIS DIFÍCIL E URGENTE HOJE É EXPLORAR

DE MANEIRA CRIATIVA NOVOS TERRENOS PARA A JUSTIÇA NOS QUAIS A PRISÃO NÃO SEJA MAIS NOSSA PRINCIPAL ÂNCORA.”

ANGELA DAVIS



Brasil, a relação entre intolerância cultural, encarceramento em massa e racismo estrutural é constitutiva da própria formação do Estado nacional. Desde o período colonial, práticas culturais de matrizes africana e indígena foram sistematicamente criminalizadas, tendo isso sido feito como uma estratégia de controles social e racial. As repressões às religiões afro-brasileiras, às formas comunitárias de uso da terra, aos modos de vida não assalariados — e, posteriormente, às expressões culturais populares urbanas — não foram um subproduto do sistema penal, e sim um de seus fundamentos.

Após a abolição formal da escravidão, a ausência deliberada de políticas de integração social foi compensada pela expansão de dispositivos legais e policiais — como as leis de vadiagem, os códigos de postura e as abordagens seletivas —, que transformaram práticas culturais e formas de sobrevivência da população negra em delitos. Com isso, o encarceramento passou a operar como um mecanismo de continuidade do regime racial, reorganizando a dominação das pessoas negras — dessa vez, sob a linguagem da legalidade.

Durante o período contemporâneo, tal método vem sendo atualizado por meio da chamada "guerra às drogas", que produz uma lógica seletiva de criminalização ao associar determinados territórios, corpos e culturas à criminalidade. Esse processo não é neutro: ele estrutura a ação policial, orienta decisões judiciais e sustenta um sistema prisional marcado pela superlotação, pela violência institucional e pela negação sistemática de direitos.

Paralelamente, observa-se também que expressões culturais da periferia e da favela são criminalizadas de forma simbólica e material — essa criminalização funciona como porta de entrada para a população periférica no sistema penal. Gêneros como o funk e o rap, ou hip-hop, são frequentemente enquadrados como desordem, ameaça moral e apologia ao crime. Isso legitima a repressão policial às pessoas da favela, suas prisões arbitrárias e também a aplicação de práticas de censura à cultura ligada aos ritmos citados. Tal intolerância cultural, nesse sentido, reforça estigmas territoriais e raciais que orientam a ação do Estado.

O encarceramento em massa, portanto, não é uma simples reação à criminalidade, nem um desvio do projeto democrático, mas uma expressão central do racismo estrutural brasileiro. Trata-se de um mecanismo de reprodução das desigualdades, que penaliza modos dissidentes de existência, mantém a hierarquia social sob a aparência da legalidade e produz efeitos que se estendem para além dos muros das prisões, impactando famílias, territórios e gerações inteiras.

Equipe de curadoria

“A VERDADEIRA ABOLIÇÃO NÃO SIGNIFICA APENAS O FECHAMENTO DAS PRISÕES. EXIGE O DESENVOLVIMENTO DE FORMAS ALTERNATIVAS DE JUSTIÇA

E A REESTRUTURAÇÃO DA SOCIEDADE, DE MODO QUE AS PRISÕES NÃO SEJAM MAIS NECESSÁRIAS.”

ANGELA DAVIS

FLUXO

Fluxo é o que escorre, é o movimento contínuo. É a disparada alucinante que a molecada dá pelas ruas, pelas vielas e pelos telhados, para pegar a pipa cortada no alto. No dialeto das ruas, é o lazer das comunidades, é a celebração de corpos periféricos. São os encontros, as reuniões, as festas de rua nas periferias, que proporcionam a economia criativa nas quebradas. Também pode fazer parte da resistência cultural negra e do conceito de "quilombos urbanos", desenvolvido pela historiadora e poeta Beatriz Nascimento.

Fluxo é pop, é *underground,* é estar junto e misturado, é para todos, todas e todes, é um ato político, é liberdade, é conflito, é romper e subverter a ordem. É inclusive pressionar para ter o direito à cidade e ao lazer.

Fluxo também é o princípio vital da divindade Exu. É a energia que impulsiona a vida, que quebra a rotina e a paralisação e que faz tudo girar. É a comunicação, a troca, é abertura de caminhos, é a proteção, é o amor, é a vitalidade, é a transformação e a contradição.

Com certeza, essa manifestação cultural estaria mapeada na obra *Festas populares no Brasil* (1987), da autora, intelectual e ativista Lélia Gonzalez, já que se trata de um movimento que promove o protagonismo e a ocupação de espaços públicos por meio da música, da dança e da sociabilidade juvenil. Mesmo com a precariedade e a vulnerabilidade social a que são submetidos os territórios periféricos, sua população se reinventa e, assim, escreve suas próprias narrativas por meio de expressões estéticas de vida, que moldam a identidade de uma comunidade.

As ações que fazem parte deste projeto são contribuições para o entendimento da periferia como um ecossistema vivo. Em vez de esperar que a arte chegue de fora, a comunidade cria suas próprias mandingas.

BATALHA DA MATRIX

TASHA E TRACIE
PART. TATI QUEBRA BARRACO

AULAS DE PASSINHO

FUNK DA BAIXADA SANTISTA
ESTÉTICA, SONORIDADE E INFLUÊNCIA

EXPRESSO DO GROOVE CONVIDA
LADY ZU E DJ HUM

DISPUTA NERVOSA

GINGA

A **ginga** é um dos fundamentos que permitem ao capoeirista esquivar-se, mover-se com agilidade e surpreender o adversário. Ao som dos berimbaus, da percussão e do canto, os praticantes de capoeira usam a ginga para articular inteligência e técnica e, assim, desviarem dos golpes e criarem possibilidades de revide.

Mas a ginga vai para além da capoeira. Gingar é também encontrar brechas diante da falta de recursos e das injustiças. É fazer do movimento uma forma de resistência, e da criatividade, um caminho para driblar as dificuldades. Como na roda da capoeira, o círculo é um princípio de encontro, partilha e criação, presente em muitas tradições africanas e afro-diaspóricas. Nele, o tempo não se organiza apenas como uma sucessão linear, mas como um fluxo no qual memória, ancestralidade e experiência se renovam continuamente. A roda é proteção, invenção e pertencimento: um espaço onde cada gesto se relaciona com o outro e onde a ação individual ganha sentido ao fazer parte do coletivo.

As atividades reunidas sob essa **ginga** inspiram-se nesses princípios. São convites para experimentar o corpo como lugar de memória, criação e encontro; para reconhecer o movimento como ferramenta de transformação; e para fazer do círculo um espaço de partilha, cuidado e reinvenção. Tal qual na roda de capoeira, cada passo é um gesto de imaginação, coragem e resistência. Cada passo abre caminhos para formas mais livres e plurais de viver e de construir o mundo.

MANDINGA EM FLUXO

AULAS DE BOXE

VIVÊNCIA DE CAPOEIRA NA FUNDAÇÃO CASA

NAVALHA NA LÍNGUA: HOMENAGEM A MADAME SATÃ

COM LINN DA QUEBRADA, CAPOEIRA PARA TODES, DIAMEYKA ODARA E PUMA CAMILÊ

BRINCO DE OURO

MALANDRAGEM

Malandramente homens e mulheres percorrem a história aprendendo a ler o mundo para ensinar seus camaradas. Sem escolas formais ou manuais de instrução, um certo comportamento garboso, esperto e resistente avança.

Inicialmente criminalizada e, depois, dotada de contornos românticos, a **malandragem** pode ser apontada como um traço singular do imaginário cultural, associado a um *ethos* criativo e resiliente. Sua relação com contextos de perseguição e desigualdade é profunda. Ainda assim, é justamente desses cenários que brotam posturas e soluções cujas ambivalências reúnem autonomia, insubordinação e instinto de sobrevivência. Nosso conhecido "jeitinho": ambíguo, escorregadio, sedutor.

Talvez, a imagem mais conhecida da **malandragem** venha com figurino pronto: a camisa listrada, o chapéu, o caminhar entre o perigo e a festa, entre a rua e a invenção cotidiana. Uma figura forjada no samba, nas cidades em transformação, atravessada por reformas urbanas, deslocamentos e diferentes formas de controle, e que fez da observação uma aliada, e da destreza, presença.

Mais do que estar associada a um personagem, a **malandragem** tornou-se uma forma de circular pela cidade, de maneira atenta aos seus desvios, seus encontros e suas possibilidades.

Esses traços aparecem também na capoeira, no frevo, nas cantorias... Em tantas manifestações de matriz africana que ajudaram a constituir a cultura brasileira, nas ruas, nas noites. Reunindo inteligência, humor, improviso e crítica, os códigos da **malandragem** reverberam, e dele bebem o rap, o funk, o piseiro, o brega e outras maravilhas contemporâneas — que seguem transformando astúcia e criatividade em expressão artística, segurando a onda com estilo.

Houve quem visse preguiça ou desonestidade na **malandragem**, mas há também quem reconheça nela uma forma de seguir adiante. Há até quem peça a Deus um pouquinho dessa habilidade para circular por aí.

BICHO FEROZ TRIBUTO A BEZERRA DA SILVA
COM RODA DE SAMBA DO MUNDÃO,
PART. BERNADETE, DON L E UANA

CROCHETAÇO

PERFORMANCE LÍTERO-MUSICAL "MINHA CARNE: DIÁRIO DE UMA PRISÃO"

SAMBA DO CRUZ

GAMBIARRA

CORRES

Tá todo mundo no **corre** do dia a dia, fortalecendo os corres de quem caminha junto. O corre se constrói na contramão das lógicas individualizantes que fragmentam os territórios. Sejam práticas coletivas que fortalecem territórios culturais e identidades, sejam redes de colaboração que apoiam econômica e politicamente as grupalidades da quebrada: o **corre** é coletivo, porque só a comunidade fortalece.

Enquanto o sistema suga, o **corre** transforma falta em invenção. O **corre** é tecnologia popular de produção da vida. Os **corres** para conquistar um pedaço de terra, levantar uma casa, preservar a memória de um território constantemente ameaçado por remoções e pela especulação imobiliária — são **corres** de comunidade, de resiliência, de afeto e de futuro. Das favelas de barro ribeirinhas da Baixada Santista às comunidades indígenas em diáspora, das quebradas da Zona Sul de São Paulo aos trabalhadores migrantes: a treta é sobre território, e o **corre** é a invenção cotidiana da sobrevivência, da memória e da cultura.

Os dispositivos de racialidade determinam quais corpos precisam justificar constantemente sua presença — quais **corres** a sociedade reconhece como legítimos, e quais corpos precisam escapar da intolerância e da criminalização. Quem vive em contextos de violência institucional, racismo, encarceramento ou vulnerabilidade passa grande parte da vida desenvolvendo estratégias para sobreviver. Cada lugar é um lugar, cada lugar é uma lei. Quando o Estado ou a mídia associam funk, rap, bailes, batalhas ou encontros culturais à violência, eles não estão apenas criminalizando ou censurando uma música, mas os modos de vida que ela representa. O corpo acumula essas experiências. É correr atrás, sempre na correria.

Mas não desacredita, não! Nada como um dia após o outro... Se o encarceramento em massa e a intolerância cultural são mecanismos que controlam corpos, territórios e modos de existir, o **corre** aparece como aquilo que insiste em produzir vida apesar disso. Na humildade, a estrela da periferia brilha a luz divina: saravá, povo da rua! O **corre** é muito mais do que trabalho, emprego ou atividade econômica — o corre é abençoado. Os corres são estratégias mobilizadas para garantir a sobrevivência, a comunidade, a dignidade, a circulação e a construção da vida, para além das estatísticas.

FAVELAS DE BARRO:
INSTÁVEIS MORADIAS EM QUEDA

FUNK, RAP E A CRIMINALIZAÇÃO
DA CULTURA PERIFÉRICA

SARAU DO BINHO
EDIÇÃO #CANCELA: ECOS DO CÁRCERE

DIÁLOGOS ABOLICIONISTAS:
O QUE VOCÊ BUSCA QUANDO
BUSCA JUSTIÇA?

PRÁTICAS SOMÁTICAS
SENSIBILIDADE E TRAUMA

TECENDO RAÍZES:
CONFECÇÃO COLETIVA DA WHIPALA

PROGRAMAÇÃO

CORRES



Divulgação

Ações para a Cidadania
BATE-PAPO

DIÁLOGOS ABOLICIONISTAS - O QUE VOCÊ BUSCA QUANDO BUSCA JUSTIÇA?

com Ruth Gilmore, do Center for Place, Culture and Politics (CPCP), da City University of New York (CUNY); Miriam Duarte e Fábio Pereira de Campos, da Associação de Amigos e Familiares de Presos/as (Amparar); e Rafael Pelletti e Formigão, do coletivo Sobre Justiças
com mediação de Dri Sumi
Dia 5/8, quarta, às 19h
Teatro. 14 anos. Grátis
Retirada de ingressos no local com 1h de antecedência.

O coletivo Sobre Justiças e a Associação de Amigos e Familiares de Presos/as (Amparar) convidam a geógrafa e intelectual Ruth Gilmore, bem como toda a comunidade, para uma roda de conversa sobre os livros *Ensaios abolicionistas: práticas de justiças a partir de territórios* (2025) – que tem organização do Sobre Justiças –, e *Califórnia Gulag: prisões, crise do capitalismo e abolicionismo penal (2024)* – escrito por Gilmore. O objetivo é debater acerca de como os assuntos tratados nessas obras podem contribuir para que redes de solidariedade sejam tecidas, e sonhos abolicionistas, alimentados.

GINGA



Piva

Esporte e Atividade Física
AULA ABERTA

AULAS DE BOXE

com Raphael Piva
(boxeador autônomo)
Dias 8 e 15/8, sábados, às 11h30
Dias 11 e 12/8, terça e quarta, às 9h45 e às 17h45
De 11 a 14/8, terça a sexta, às 15h30
Dias 13 e 14/8, quinta e sexta, às 10h45 e às 18h45
Ginásio Outono. 12 anos. Grátis

Essa vivência de boxe propõe o aprendizado dos movimentos básicos dessa modalidade aos participantes, bem como a melhora do condicionamento físico deles.

FLUXO



Divulgação

Literatura
INTERVENÇÃO

BATALHA DA MATRIX

Dia 19/8, quarta, às 18h
Teatro. Livre. Grátis

A *Batalha da Matrix* é um dos maiores e mais tradicionais eventos brasileiros de rap e de batalhas de MCs. Fundada em 7 de maio de 2013, a batalha é organizada pela Sociedade Alternativa de Campo (S.A.C.) e funciona como ponto de encontro e de resistência da cultura hip-hop do ABC Paulista.

GINGA



Divulgação

Esporte e Atividade Física
AULA ABERTA

MANDINGA EM FLUXO

com Tati Casseano
Dias 19, 21 e 26/08, quartas e sextas, às 19h
Sala do 10º andar do Esportivo
Dia 28/08
Galpão. 12 anos. Grátis

A atividade busca transformar a dança em um espaço de criação, pertencimento e troca, convidando o público – a partir da mandinga da capoeira, à improvisação, à escuta e ao fluxo. Trata-se, assim, de um encontro entre corpo, ginga e ancestralidade – e o diálogo dessa proposta com o projeto "#CANCELA" se dá justamente por meio da valorização, trazida por *Mandinga em fluxo*, do movimento como expressão de identidade e vivência.

CORRES



Noella Najara

Teatro
ESPETÁCULO

FAVELAS DE BARRO: INSTÁVEIS MORADIAS EM QUEDA

com Esquadrilha Marginália
De 19 a 22/8, quarta a sábado, às 19h30
Espaço Cênico. 14 anos
▲ R$50 / ■ R$25 / ● R$15

"Minha avó disse mangue preto também água". Da planta espinhenta à lugar de muitos povos, a favela é a raiz que alimenta território. De Cubatão, território 013, o espetáculo afirma a favela como espaço de criação, memória e resistência cotidiana.

MALANDRAGEM



Divulgação

Literatura
LEITURA DRAMÁTICA

PERFORMANCE LÍTERO-MUSICAL "MINHA CARNE: DIÁRIO DE UMA PRISÃO"

com Preta Ferreira e Radio Diaspora
Dia 20/8, quinta, às 20h
Teatro. 16 anos. Grátis
Retirada de ingressos no local com 1h de antecedência.

Performance baseada no livro homônimo da cantora e ativista Preta Ferreira, publicado em 2020 e no qual ela traz um relato autobiográfico intenso sobre os 109 dias que passou injustamente presa em 2019. Esse espetáculo – um híbrido entre literatura e música, cria, para o público, uma experiência artística imersiva na história de Preta e de Radio Diaspora.

FLUXO



Divulgação

Música
SHOW

TASHA E TRACIE

Part. Tati Quebra Barraco
Dias 20 e 21/8, quinta e sexta, às 21h
Comedoria. 14 anos.
▲ R$70 / ■ R$35 / ● R$21

Tasha & Tracie são irmãs, rappers e criadoras que representam uma nova geração de mulheres pretas no hip-hop brasileiro. Dotadas de um olhar afiado sobre moda, cultura e comportamento, elas constroem, nessa apresentação, pontes entre a quebrada e o mainstream, traduzindo suas vivências em arte, estética e discurso.

GINGA



Divulgação

Esporte e Atividade física
VIVÊNCIA

VIVÊNCIA DE CAPOEIRA ANGOLA

Com Mestre Pedro Peu e
Centro de Capoeira Angola
Angoleiro Sim Sinhô ZL
Dia 28/8, sexta, às 19h
Galpão. 12 anos. Grátis

Vivência de Capoeira com Mestre Peu na Fundação Casa, unidades de Pirituba e Brás. Pedro Peu, natural de Feira de Santana, é capoeirista, dançarino, percussionista e arte-educador. Radicado em São Paulo desde os anos 1980, atua na valorização da Capoeira Angola e da cultura popular, coordenando o Grupo Batakerê.

CORRES



Divulgação

Ações para a Cidadania
BATE-PAPO

FUNK, RAP E A CRIMINALIZAÇÃO DA CULTURA PERIFÉRICA

com Thiago Torres (Chavoso da USP),
Eduardo Taddeo, Brisa Flow,
Renata Prado e Kric Cruz
com mediação de Layne Gabriele
Dia 21/8, sexta, às 18h30
Teatro. 16 anos. Grátis
Retirada de ingressos no local com
30 minutos de antecedência.

Conversa sobre a criminalização do rap, do funk e de outras culturas e expressões artísticas provenientes da periferia – e sobre as formas pelas quais essa criminalização serve como um mecanismo de controle social desses territórios.

FLUXO



Divulgação

Esporte e Atividade Física
AULA ABERTA

AULAS DE PASSINHO

com Jô Gomes e Jsheiik
Dias 23 e 30/8, domingos, às 10h30
Sala do 9º andar do Esportivo
12 anos. Grátis

Aulas com passos básicos e coreografias do passinho: estilo de dança urbana brasileira que mistura funk, break, samba, frevo e capoeira e é caracterizado por movimentos rápidos dos pés e das pernas.

MALANDRAGEM



Divulgação

Artes Manuais
ENCONTRO

CROCHETAÇO

com Artesanato Chave
Dia 22/8, sábado, às 16h30
Área de Convivência. Livre. Grátis

Nessa oficina performática de crochê, o público será convidado a produzir de uma obra de arte têxtil que represente movimento e ressignifique histórias – como a do boné de crochê e suas relações com o cárcere. Com o objetivo de suscitar reflexões sobre a invisibilização de artistas têxteis de periferia, esse encontro exalta o crochê, o artesanato e a ação coletiva contra o racismo estrutural. Se liga, hoje é dia de visita!

GINGA



Gabriel Renne

Música
SHOW

NAVALHA NA LÍNGUA - HOMENAGEM A MADAME SATÃ

com Linn da Quebrada,
Capoeira para Todes,
Diameyka Odara e Puma Camilê
Dias 22 e 23/8, sábado, às 20h
e domingo, às 18h
Teatro. 12 anos.
▲ R$70 / ■ R$35 / ● R$21

A ginga das palavras em verso faz da língua navalha ou mel, e o show *Navalha na língua* celebra o legado e a herança de Madame Satã, cuja morte completa 50 anos em 2026, num tributo à travestilidade enquanto cultura.

CORRES



Divulgação

Esporte e Atividade Física
VIVÊNCIA

PRÁTICAS SOMÁTICAS - SENSIBILIDADE E TRAUMA

com Paula Prado Kfouri
Dias 23 e 30/8, domingos, às 10h30
Sala do 9º andar do Esportivo
12 anos. Grátis

Essa é uma prática corporal que propõe uma abordagem sensível ao trauma, focada na anatomia vivencial e na educação somática, e que busca promover cuidado, escuta e consciência do movimento. Para isso, utiliza-se de elementos do yoga, como posturas, respiração e meditação.

FLUXO



Divulgação

Teatro
OFICINA

FUNK DA BAIXADA SANTISTA - ESTÉTICA, SONORIDADE E INFLUÊNCIA

com Groovy
Dia 23/8, domingo, às 13h
Espaço Cênico. 14 anos. Grátis
Entrega de senhas no local com 30 minutos de antecedência.

A apresentação convida o público para uma imersão crítica e sensível na trajetória do funk da Baixada Santista – movimento que, ao longo dos últimos 30 anos, vem consolidando uma linguagem própria dentro da cultura periférica paulista.

CORRES



Divulgação

Ações para a Cidadania
SARAU

SARAU DO BINHO - EDIÇÃO #CANCELA: ECOS DO CÁRCERE

com Paul Gialdroni, Quixote, Clara Swatson, Poty Poran, Abi Llanque, Tijolo, Boni Metiso, Pow Litera-Rua, Marcelo Lima, Augusto Cerqueira, Fernanda Coimbra e Edinho
Dia 23/8, domingo, às 16h30
Área de Convivência. Livre. Grátis

O sarau reúne uma múltipla diversidade de artistas – desde pessoas egressas do sistema prisional, migrantes, artistas de rua e indígenas, até pessoas com deficiência, sambistas, rappers, capoeiristas e poetas. São artistas que, em suas obras, se utilizam de diferentes linguagens e tem percorrido distintos caminhos em suas trajetórias.

CORRES



Divulgação

Tecnologias e Artes
OFICINA

TECENDO RAÍZES: CONFECÇÃO COLETIVA DA WHIPALA

com Cholitas da Babilônia
De 25 a 28/8, terça a sexta, às 14h
Deck Solarium. 10 anos. Grátis
Entrega de senhas no local com 30 minutos de antecedência.

Esses quatro encontros convidam o público de cada um deles a tecer, coletivamente, uma grande wiphala – bandeira que se tornou símbolo da luta e da resistência dos povos indígenas dos Andes. Mas não será só a wiphala a ser costurada, a proposta é tecer também conversas sobre a memória das práticas ancestrais dos povos andinos.

FLUXO



Divulgação

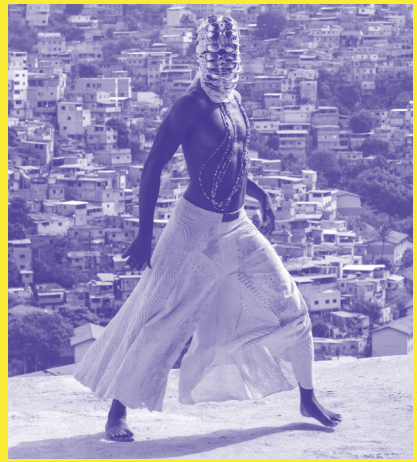
Ações para a Cidadania
SHOW

EXPRESSO DO GROOVE CONVIDA DJ HUM E LADY ZU

Dia 26/8, quarta, às 19h
Comedoria. Livre. Grátis
Entrega de senhas no local com 30 minutos de antecedência.

O baile ganha vida com o ritmo contagiante da banda Expresso do Groove, o peso e a história de DJ Hum e a voz inesquecível de Lady Zu. Três referências da música negra brasileira, juntas, para celebrar os bailes black em uma noite cheia de groove, clássicos e muita dança.

GINGA



Ester Teixeira

Dança
ESPETÁCULO

BRINCO DE OURO

com Cia Favelinha e direção de Léo Garcia
Dia 28/8, sexta, às 20h
Comedoria. 14 anos
▲ R$60 / ■ R$30 / ● R$18

O espetáculo *Brinco de Ouro* celebra a vida e a resistência periféricas num verdadeiro manifesto contra a opressão e em favor dos sonhos, do amor e da libertação – manifesto esse expresso nos corpos dançantes e nas vozes presentes na montagem. Com inspiração no conceito de tempo espiralar proposto pela professora, dramaturga, escritora e ensaísta Leda Maria Martins, Brinco de Ouro revisita memórias ancestrais e realça o poder das pessoas pretas por meio de uma representação dos passinhos e das danças cotidianas presentes nos becos e nas curvas da periferia.

MALANDRAGEM



Divulgação

Música
SHOW

BICHO FEROZ - TRIBUTO A BEZERRA DA SILVA

com Roda de Samba do Mundão e participações especiais de Bernadete, Don L e Uana
Dias 28 e 29/8, sexta e sábado, às 21h
Comedoria. 14 anos
▲ R$70 / ■ R$35 / ● R$21

Em formato de roda de samba, essa homenagem a Bezerra da Silva revisita o repertório do "maior dos malandros", destacando as múltiplas camadas e diversas matrizes que atravessam sua obra – como, por exemplo, a oralidade popular, o humor e a crítica social.

MALANDRAGEM



Divulgação

Ações para a Cidadania
INTERVENÇÃO

SAMBA DO CRUZ

Dia 29/8, sábado, às 17h
Deck Solariun. Livre. Grátis

O grupo *Samba do Cruz*, criado no bairro da Casa Verde, chega ao projeto *No Gogó – Samba no Deck*, do Sesc Pompeia, para mostrar o samba em sua forma mais verdadeira: roda no gogó, pé no chão e tradição. A apresentação convida o público a viver uma experiência intensa, próxima dos artistas e repleta de ancestralidade.

MALANDRAGEM



Virginia Dandara

Dança
ESPETÁCULO

GAMBIARRA

com Cia Favelinha e
direção de Léo Garcia
Dia 29/8, sábado, às 20h
Teatro. 16 anos
▲ R$60 / ■ R$30 / ● R$18

Esse espetáculo usa o funk para fazer com que o termo "gambiarra" transcenda o quebra-galho técnico e se transforme em uma operação semiótica de sobrevivência, ou seja, torna a gambiarra uma reinvenção da própria existência dos personagens da montagem. Na encruzilhada dessa arquitetura do improviso e da subversão, está a "Mais Velha", figura matriarcal que detém a tecnologia da oralidade e para quem está sendo organizada uma festa de aniversário.

FLUXO



WS Saint

Dança
VIVÊNCIA

DISPUTA NERVOSA

Dia 30/8, domingo, às 14h
Galpão. Livre. Grátis

Competição amistosa entre dançarinas, dançarinos e corpas dissidentes do funk, que reúne representantes de diferentes territórios. A Disputa Nervosa é mais que uma batalha de dança: trata-se de um movimento que pulsa no coração das quebradas, por meio do qual o corpo se torna palavra, e a batida do funk ecoa como resistência, criação e memória viva.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Ivo Dall'Acqua
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Luiz Deoclecio Massaro Galina

SUPERINTENDÊNCIAS
Técnico-Social
Rosana Paulo da Cunha
Comunicação Social
Ricardo Gentil
Administração
Jackson Andrade de Matos
Assessoria Técnica e de Planejamento
Marta Raquel Colabone
Assessoria Jurídica
Carla Bertucci Barbieri

GERÊNCIAS
Ação Cultural Érika Mourão Trindade Dutra **Artes Visuais e Tecnologia**
Juliana Braga **Artes gráficas** Rogério Ianelli **Estudos e Programas Sociais**
Flávia Carvalho **Desenvolvimento Físico-Esportivo** Carol Seixas **Sesc Pompeia**
Kelly Adriano de Oliveira

#CANCELA: Ecos do Cárcere

Equipe Sesc
Adriana Dias, Alexandre Leopoldino, Ana Paula Feitosa, Angelica Correa, Beatriz da Silva Nunes, Bru Costa dos Santos, Cesar Albornoz, Diana Bonafé, Diógenes Diviziis, Elaine Barros Martins, Eliane Vuono, Fabiola Tavares Milan, Fabrício Floro, Fernanda Conejero, Gleucy Lopes, Gleucy Martimiano Lopes, Itamar Dantas de Oliveira, Jackson Cruz Magalhães, Jair Rocha, Jairo Silva, Janaina Arruda, Janaina Lopes de Arruda, Juliana Borges Petronilho, Juliana Figueiredo Alves, Kali Apu Lavezzo de Carvalho, Karina Camargo Leal, Karina Natsumi Ogoshi, Karla Hamabata, Ketty Margarete Valencio, Laura Rocha dos Santos, Lilian Ambar, Lucas Ferreira, Luciano Amadei, Luiz Coelho, Michel Amary Neto, Mildred Gonzalez, Pablo Perez, Pedro Leme, Perola Nunes Braz, Rafael Tadeu Miranda, Regiane Gomes, Ricardo Henrique Vieira Carvalho, Robson Lima, Rogério Rodrigues, Safhira Delmondes Rodrigues de Sousa, Sandra Mirabelli, Sheila Rodrigues dos Santos, Silas Storion, Silvio Luiz da Silva, Suamit Barreiro, Vanessa Ferreira Irineu e Veluma Silva.

Revisão de Textos Tatiane Ivo

Venda de ingressos

Venda online
em centralrelacionamento.sescsp.org.br ou pelo aplicativo Credencial Sesc SP disponível na Apple Store e na Play Store.

Venda presencial
nas bilheterias das unidades do Sesc em São Paulo.

Funcionamento da Bilheteria do Sesc Pompeia
Terça a sábado, das 10h às 21h.
Domingos e feriados, das 10h às 18h.

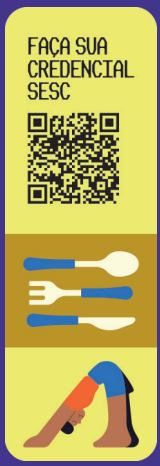
▲ **Inteira**

■ **Meia Entrada**
Pessoa aposentada, com mais de 60 anos, com deficiência, estudante e servidora de escola pública com comprovante

● **Credencial Plena**
Pessoa trabalhadora do comércio de bens, serviços e turismo credenciada no Sesc e dependentes

#CANCELA: Ecos do Cárcere

5 a 30 de agosto de 2026



Sesc Pompeia
Rua Clélia, 93 - São Paulo
tel. +55 11 3871.7700
/sescpompeia
sescsp.org.br